

# LITERATURA MEDIEVAL

Volume III

ACTAS DO IV CONGRESSO  
DA  
ASSOCIAÇÃO HISPÂNICA DE LITERATURA MEDIEVAL  
(Lisboa, 1-5 Outubro 1991)

Organização de  
AIRES A. NASCIMENTO  
e  
CRISTINA ALMEIDA RIBEIRO

EDIÇÕES COSMOS

---

Lisboa  
1993

© 1993, **EDIÇÕES COSMOS e ASSOCIAÇÃO HISPÂNICA  
DE LITERATURA MEDIEVAL**

Reservados todos os direitos  
de acordo com a legislação em vigor

Capa

Concepção: Henrique Cayatte  
Impressão: Litografia Amorim

Composição e Impressão: EDIÇÕES COSMOS

1ª edição: Maio de 1993  
Depósito Legal: 63840/93  
ISBN: 972-8081-06-5

Difusão

**LIVRARIA ARCO-ÍRIS**

Av. Júlio Dinis, 6-A Lojas 23 e 30 — P 1000 Lisboa  
Telefones: 795 51 40 (6 linhas)  
Fax: 796 97 13 • Telex: 62393 VERSUS-P

Distribuição

**EDIÇÕES COSMOS**

Rua da Emenda, 111-1º — 1200 Lisboa  
Telefones: 342 20 50 • 346 82 01  
Fax: 347 82 55

# A Funcionalidade Profética (ou Intenção Pedagógica) do *Chronicon Mundi* de Lucas de Tui

Manuel Barbosa  
Universidade de Lisboa

## A Historiografia Medieval

Ao fechar a sua *Imago Mundi* com uma proposta de contemplação do tempo histórico<sup>1</sup>, Honório Augustodunense ilustrou devidamente a importância da história numa visão integrada do mundo. A mensagem de Honório surge clara: contemplar o mundo numa forma global é mais do que conhecer o espaço por onde os quatro elementos se acham distribuídos, interagindo harmonicamente; é mais do que perceber os ritmos da natureza substanciados em dias, meses, estações e anos, numa circularidade de que o espírito humano facilmente se dá conta; é também, como cúpula imprescindível dessa contemplação, ser capaz de abarcar com o olhar da memória todas as séries de acontecimentos que, vindos do passado, chegam ao presente com uma dinâmica própria.

Escrever a história em plena Idade Média era sobretudo alimentar (ou provocar) essa atitude contemplativa. Era saber imaginar e dar forma literária à *universitas* do tempo histórico que, segundo um neo-platonismo cristianizado, mais não era do que a recondução para Deus (a Causa Primeira) de toda a realidade que d'Ele saíra<sup>2</sup>. Espaço e tempo cósmicos, criados por Deus com o início do mundo, a Deus regressariam com o fim desse mesmo mundo. Entre este início e este fim desenrolava-se a história, com as suas séries múltiplas de acontecimentos. O protagonista deste regresso é o homem, o nó perfeito (entenda-se inteligente) da realidade, criado à imagem e semelhança de Deus, como se lê no *Génesis*. Fim do cosmos e, simultaneamente, da humanidade, cuja marcha para a salvação fora restaurada pelo Deus-Homem Jesus Cristo depois de ter sido afectada pelo desequilíbrio de Adão. Fim do mundo e fim da história: convergência harmoniosa para Deus de todas as linhas traçadas pelas séries de acontecimentos, numa singular conjugação de espaços e tempos concretos. A Igreja de Cristo era já o sinal visível desse fim. A salvação, surgida a Oriente, espalhar-se-ia por todo o ecúmeno até às margens ocidentais. Vários impérios tinham entretanto florescido e passado. O Império Romano, situado a Ocidente, seria o último dos impérios a que aludira o profeta Daniel (cap. VII). Cabia-lhe a missão providencial de unir e pacificar todo o orbe por onde se espalharia o reino universal de Cristo. O fim do mundo estava aí: era o resto da sexta idade. E nem com a queda do Império em 476 se finou a sua missão providencial de ser o suporte material da Cristandade. Os teólogos superaram o problema com a *translatio imperii*, ou seja, a entrega desta missão aos bárbaros, como viria a acontecer com Carlos Magno e, posteriormente, com os imperadores germânicos<sup>3</sup>.

Esta visão medieval da história influenciava decisivamente o método de composição seguido pelo cronista, que procurava seleccionar e dispor o material histórico numa forma que reflectisse a sua visão. Ele deveria ser capaz de fornecer uma perspectiva do devir histórico que conduzisse a um determinado ponto espaço-temporal. Havia que vislumbrar essa direcção *ab orbe condito* nas séries de acontecimentos, nas múltiplas linhas genealógicas que corriam paralelas ou se entrecruzavam na *universitas* da história. Uma crónica medieval acabava sempre por explicar e legitimar um ponto de chegada (o tempo do cronista), no que diz respeito a poderes e instituições em vigor, bem como a aspirações muito fortes em busca de realização. A justificação apresentada pelos cronistas insistia habitualmente na necessidade

de manter viva a memória das acções passadas, para que daí se extraíssem lições para a vida. Assim sendo, facilmente se conclui da funcionalidade profética destas crónicas do mundo. Ao apresentarem, num relance, toda a série de acontecimentos que convergiam numa dada situação histórica, elas tornavam-se conselheiras dum futuro. Ao traduzirem uma dinâmica que conduzia a um presente, elas facilitavam a construção e a aceitação dum futuro que, numa visão providencialista da história, não surgia como inesperado de todo. Se se pensar, além disto, que a maioria destas crónicas era composta a pedido de príncipes, não custa a admitir que, em muitos casos, elas representam determinadas perspectivas do mundo e da história que se transformam em prospectivas e reflectem programas de acção.

### O *Chronicon Mundi* de Lucas de Tui

Isto mesmo pensamos poder concluir-se da leitura do *Chronicon Mundi* de Lucas de Tui<sup>4</sup>. A sua estrutura, o material aí inserto, a recorrência de determinados temas (que designo de estruturantes), levarão qualquer leitor devidamente informado sobre a Espanha de então a pensar nos acontecimentos e realizações que marcaram o reinado de Afonso X. Ficar-se-á mesmo com a impressão que o *Chronicon* do Tudense terá sido um eficaz conselheiro do rei Sábio, contribuindo decisivamente para a optimização dum clima que possibilitou o surto de tais eventos.

Lucas de Tui, também conhecido por o Tudense, natural de Leão onde terá nascido no terceiro quartel do século XII, acompanhou de perto, sem dúvida, as peripécias políticas então ocorridas entre os reinos de Leão e Castela, protagonizadas por Afonso VIII de Castela, Afonso IX de Leão, Fernando III de Leão e Castela, e, sobretudo, pela rainha D. Berengária, segunda esposa de Afonso IX. Esta extraordinária figura feminina parece ter desenvolvido, com rara argúcia, uma estratégia cujos resultados foram a união das coroas de Leão e Castela na pessoa do seu filho D. Fernando III e o esplendor político e cultural que marcou o reinado de Afonso X, seu neto. Da sua forte personalidade dá testemunho o próprio Lucas ao afirmar que «o rei D. Fernando, apesar de se encontrar à testa do reino, obedecia à prudentíssima rainha Berengária, sua mãe, como se fosse uma humilde criança sob a vergasta do mestre». Prudentíssima e sapientíssima são dois dos epítetos enaltecedores com que o Tudense a brinda frequentemente. Foi, aliás, a pedido dela que ele, na altura ainda diácono em Leão, compôs o seu *Chronicon Mundi*, em 1236, quando o futuro Afonso X, ainda adolescente, requeria especiais cuidados em matéria de educação. Ocorre-nos perguntar: terá sido pensando sobretudo na educação do neto que a rainha formulou tal pedido? O que se poderá adiantar é que certos tópicos recorrentes indiciam um tipo determinado de preocupações que terão presidido à elaboração da crónica. Refiro-me ao apelo à sabedoria, ao enaltecimento de Espanha (a que se poderá associar a ideia imperial) e ao retrato ideal do príncipe.

Lucas de Tui estruturou o seu *Chronicon* em três livros. Os dois primeiros incluem material de Isidoro (o *Chronicon* no 1º e a *História dos Vândalos, Suevos e Godos* no 2º); o 3º livro apresenta-se como a continuação das crónicas de Isidoro, primeiro por S. Ildefonso, depois por Julião, ambos bispos de Toledo, e, por fim, pelo próprio Tudense até ao ano de 1236, quando Fernando III tomou Córdova aos Mouros. Há que assinalar ainda os prefácios antepostos aos livros I e II, bem como um extenso elogio de Espanha («De Hispaniae excellentia»), imediatamente antes do *Chronicon* de Isidoro. Para além deste, de Ildefonso e de Julião, o Tudense terá utilizado ainda outras fontes, numa forma muito livre, com interpolações, dispondo-as à sua maneira e acrescentando o que bem lhe pareceu, de tal forma que, afirma Florez em *España Sagrada*<sup>5</sup>, se torna praticamente impossível fazer a destrição do que é seu e do que lhe foi fornecido pelas fontes. Hoje, continua Florez<sup>6</sup>, pensar-se-ia em falta de respeito para com tão veneráveis autores, mas não é de estranhar num tempo em que se acreditava mais e se provava menos. As intenções do Tudense seriam as melhores.

Da estruturação da obra e do emprego das fontes ressalta o propósito de se permanecer fiel a uma tradição historiográfica hispânica, vincadamente nacional, que vemos já inequivoca-

mente presente em Isidoro<sup>7</sup>. Lucas de Tui junta o seu contributo ao dos seus predecessores que haviam continuado o *Chronicon* do Bispo de Sevilha. Para avaliar da sua originalidade, seria importante analisar de que forma Isidoro e outras veneráveis autoridades foram «manipuladas» pelo Tudense. Não vamos aqui empreender tal tarefa que, possivelmente, já alguém terá executado. Vamos apenas apresentar, em jeito de resumo interpretativo, os dois prefácios e o elogio de Espanha, a que há pouco aludimos. Porque se trata de peças genuínas, saídas do próprio punho de Lucas de Tui, poderemos facilmente entrever aí os mesmos propósitos que orientaram todo o trabalho de selecção, disposição e tratamento dos trechos alheios.

### Os Prefácios

Ambos os prefácios denotam uma idêntica preocupação: a de que «os príncipes aprendam a governar os reinos a si sujeitos»<sup>8</sup>. O primeiro é de índole mais geral e funciona como uma introdução a toda a obra. Poder-se-á interpretar resumidamente da forma que segue: Todo o poder foi dado por Deus ao rei para que este, ocupando-se sabiamente do bem-estar temporal, ajude os homens a chegar à beatitude eterna. São cinco os requisitos para bem governar: 1) professar a fé católica; 2) testemunhar por palavras essa mesma fé; 3) manter o reino em paz; 4) exercer a justiça com equidade; 5) lutar contra os inimigos. Não o conseguirá o príncipe efeminado, entregue à embriaguês, às mulheres, à luxúria e à maledicência, mas sim o príncipe sábio. Este vai atrás da sabedoria, vê robustecer-se-lhe a fortaleza e consolidar-se a prudência. Não se deixa possuir pela frivolidade nem pela temeridade, e a ira não o faz ficar fora de si. Dele diz a Sagrada Escritura: o rei que se senta no trono afasta todo o mal com a sua capacidade de discernimento. O príncipe sábio preocupa-se sempre com que o povo a si sujeito não sofra prejuízo com os seus desleixos temporais ou espirituais. É que, a maior parte das vezes, por causa dos pecados dos príncipes, a ira de Deus abate-se sobre os povos, e de todos os que, por culpa sua, caírem no pecado, ele há-de «prestar contas a Deus por eles». Boas ou más, as acções do príncipe ficarão registadas na memória dos homens e a honradez manda que se não ofusque a reputação dos antepassados. O príncipe sábio é forte e clemente na vitória, dispõe-se a privações por amor do povo e nunca tenta aproveitar-se das sentenças que profere. «Ai da terra cujo rei é uma criança e cujos príncipes comem logo de manhã: ele deseja usá-la em seu proveito; feliz da terra cujo rei é sábio e cujos príncipes se alimentam no tempo devido».

O 2º prefácio, mais breve, liga-se estreitamente à história dos Godos, extraindo dos seus erros passados proveitosos ensinamentos para o futuro. Tais erros, segundo o Tudense, são o sacrilégio, a luxúria, a avareza e, sobretudo, a discórdia militar, aqui exemplificada com o caso do rei Rodrigo e do conde Julião. A afirmação final de que na história dos Godos nunca os encontramos vencidos em combate e não ser contra si próprios reforça o propósito de deixar bem vincado quão nefasta poderá ser para o reino a discórdia militar.

### O Elogio de Espanha («De Hispaniae excellentia»)

Colocado pelo Tudense no início da sua crónica, poderá ser visto como um exercício de imitação do conhecido *De laude Spaniae* que Isidoro antepôs à sua *História dos Godos*. O Tudense poderá pecar por um certo exagero, se tivermos em conta a singeleza literária que é apanágio da peça correspondente do bispo de Sevilha. A sua estrutura e conteúdo, porém, testemunham com clareza os objectivos que moviam o Tudense. Vamos encontrar aqui, em grande parte, as mesmas preocupações testemunhadas nos dois prólogos a que atrás nos referimos.

O «De Hispaniae excellentia» abre com o tema da **fecundidade de Espanha**, tanto em dons naturais como em dons espirituais; traça, de seguida, o **perfil do príncipe** chamado a administrar tais riquezas e a chefiar tais homens; numa linha de confirmar o que vinha sendo dito, recorre seguidamente ao **argumento etimológico**, para terminar com um *apelo à vigilância* sobre tão preciosas riquezas cobiçadas por muitos. Ei-lo, de forma resumida e interpretada:

Deus presenteou a Espanha com uma excelência de dons naturais e espirituais que a colocam entre as primeiras províncias do mundo. O seu ar é puro, e o seu solo fértil. Possui fauna abundante, é rica de fontes, de rios e de peixes, de belas árvores e de tudo o que é útil e deleita os homens, como os belos e agilíssimos ginetes, de extrema utilidade para a juventude guerreira. Mas também em dons espirituais a Espanha é pródiga. No seu solo repousa o Apóstolo S. Tiago; S. Paulo terá pisado a terra de Espanha (pelo menos manifestou tal intenção); a Espanha gerou mártires como S. Vicente e S. Lourenço, S. Marcelo, S. Severiano, pai de S. Isidoro, S. Dâmaso, Papa, Santo Ildefonso, Bispo de Toledo. «Tantos santos houve em Espanha que se quisesse escrever o nome deles mais depressa me faltaria o tempo do que a quantidade». Além de santos, gerou igualmente filósofos como Aristóteles, Séneca, Lucano, Isidoro, o cônsul Lúcio, os imperadores Nerva, Trajano e, sobretudo, o cristianíssimo Teodósio. Para além de homens como estes, ela possui ainda os mais valentes e esforçados guerreiros. Ela «gerou estes varões acima referidos e muitos outros dignos de títulos de louvor para que a ilustre posteridade dos Godos tenha alguns que, com razão, deverá imitar». Para enfrentar homens tão corajosos e sábios, só um príncipe sábio. Ele governará gloriosamente se se deixar reger pela sabedoria e usufruir do conselho dos sábios. Nada lhe falta. Atrás de si tem a multidão dos santos Apóstolos, dos corajosos mártires e dos eruditos doutores que lhe transmitiram a fé católica. Nada há a mudar na fé, pois foi de pessoas santíssimas e de sangue nobre que ele recebeu as nobilíssimas leis de Deus. Deverá, pois, imitá-los na fé, segui-los na santidade e ornamentar-se com a prudência daqueles a cujo nascimento ele se associa pela nobreza do sangue.

Da excelência desta província fala o seu próprio nome. O termo *Hispania* decompõe-se em *His* (um só), *pan* (todo) e *ia* (estrela), como se Espanha significasse uma estrela total<sup>9</sup>, pois ela possui em abundância bens próprios, mais do que as outras províncias. Hespéria deriva de Héspero, a estrela da tarde que, nas bandas do ocidente, brilha mais que todas as outras. Também a Espanha não é a última entre as últimas, mas a primeira entre as primeiras regiões. Brilha nela uma liberdade total, dirimindo-se os conflitos civis com leis ajustadas, e o rei de Espanha não é súbdito de nenhum poder temporal. Espanha e o paraíso, por serem extremos, partilham duma deliciosa afinidade.

Que o rei e as suas gentes saibam agradecer a Deus tais dons e, com sabedoria, guardá-los dos numerosos ladrões que, sem coragem para atacar de frente, tentam subrepticamente apoderar-se dos seus tesouros.

### Algumas Conclusões

Partindo apenas dos dois prefácios e do elogio de Espanha, será legítimo concluir que terá sido sobretudo uma preocupação pedagógica, centrada sobre o futuro Afonso X, que motivou e caracterizou o esforço de Lucas de Tui. Meditando sobre a série de acontecimentos que ali vinham ter e cuja dinâmica fazia já antever outros, ainda latentes, que iriam engrandecer a Hispânia, o Tudense tentou, com o seu *Chronicon*, encontrar a forma literária mais ajustada à sua contemplação. Simultaneamente, imaginou o modelo ideal de príncipe para presidir aos destinos da grande nação que os tempos anunciavam. Tal príncipe deveria possuir sobretudo o atributo da sabedoria (daí os frequentes apelos à sabedoria). Desta motivação se alimentou uma ars que foi encontrando e configurando no artefacto a forma que melhor reflectia a ideia. Esta tomou corpo: o *Chronicon Mundi*. Da sua leitura se originaria uma nova contemplação, agora no receptor, e desta contemplação uma subida para o reino da sabedoria e das suas sete filhas.

Lucas de Tui morreu antes de Afonso X subir ao trono<sup>10</sup>. Deste modo, não pôde presenciar em vida um conjunto de realizações culturais que ficariam a assinalar para sempre o reinado deste rei que a posteridade celebrizou com o cognome de «Sábio». Se o Tudense, aconselhado pela rainha Berengária, traçou os seus objectivos nesta direcção, podemos afirmar que a sua sementeira deu frutos bem cedo, quase todos bons, se exceptuarmos, talvez, os devaneios

imperiais que durante algum tempo distraíram o rei dos verdadeiros problemas dos seus súbditos.

## Notas

<sup>1</sup> «...quo lector cuncta transacti mundi tempora queat uno intuitu agnoscere» (...para que o leitor possa reconhecer, num relance, todos os tempos da história do mundo). Honório Augustodunense, *Imago Mundi*, estudo introdutório e tradução de Manuel J. S. Barbosa, Lisboa, fac. de Letras, 1990 (diss. de mestrado).

<sup>2</sup> Honório explicita esta concepção da realidade na sua obra *Clavis Physicæ* que, por sua vez, é uma versão do *De Divisione Naturæ*, de João Escoto. Cf. *Ibid.* p. 80, n. 2.

<sup>3</sup> Sobre esta concepção teológica da história em vigor na Idade Média, cf. M. D. Chenu, *La théologie au XIII<sup>e</sup> siècle*. Paris, J. Vrin, 1976, pp. 62-89.

<sup>4</sup> O texto do *Chronicon Mundi* de que nos servimos é o que surge em *Hispaniæ Illustratæ seu rerum urbiumque Hispaniæ, Lusitaniæ, Aethiopiæ, et Indiæ Scriptores varii...*, vol. IV, Francofurti, 1608. Ao longo deste estudo surgem, entre parênteses, trechos traduzidos.

<sup>5</sup> Henrique Florez, *España Sagrada, Theatro geographico-historico de la Iglesia de España. (...)*. T. XXIII, Madrid, Antonio Marin, 1767, pp. 124-131. 6. *Id.*

<sup>6</sup> *Id.*

<sup>7</sup> Mas não em Orósio, muito ligado ainda à mentalidade romana. Cf. Cristobal Rodriguez Alonso, *Las Historias de los Godos, Vandalos y Suevos de Isidoro de Sevilla, estudio, edicion crítica y traduccion*, Centro de Estudios e investigacion «San Isidoro», Archivo Historico, Caja de ahorros y Monte de Piedad de Leon, Leon, 1975, pp. 11-20.

<sup>8</sup> Fim do 1<sup>o</sup> prefácio.

<sup>9</sup> Em grego, Eis (Εἷς) significa um e pan (πᾶν), todo; quanto a ia, poder-se-á pensar em Híades (Ψαδες), uma constelação. Não encontramos esta etimologia nem no Vocabulário de Papias, nem no Lexicon de Forcellini.

<sup>10</sup> Florez, *op. cit.*, p. 132.